

va de habilitação, porventura exigidos para sua permanência.

Aos expedicionários, classificados em concurso ou prova de habilitação, a lei assegurou condições de preferência para nomeação e admissão.

Nenhuma facilidade, quanto a ingresso no Serviço Público, foi prevista em benefício do numeroso grupo de ex-integrantes das Forças Expedicionárias, que solicitam emprêgo.

Para melhor solução desses pedidos, o Sr. Presidente da República, tendo em vista a Exposição de Motivos 1.077, de 23-6-47 deste Departamento, determinou que se recomendasse providências aos Ministros de Estado, no sentido de que os expedicionários tivessem preferência para as nomeações interinas, quando preenchessem as condições legais (Circular 7-47, de 30-6-47, da Secretaria da Presidência da República — Diário Oficial de 3-7-47):

## APERFEIÇOAMENTO

### *Problemas paralelos à realização de cursos*

OSVALDO FETTERMANN

#### III

##### *Das súmulas*

**E'** praxe, nos Cursos de Administração do Departamento Administrativo do Serviço Público, distribuírem-se, gratuitamente, aos alunos apontamentos mimeografados sobre assunto de cada ponto desenvolvido, ou de cada lição ministrada. Compostos pelo professor da disciplina, destinam-se não só a suprir a falta de recursos com que, porventura, o aluno lute, mas, ainda, a propiciar a êsse um dos meios de reconstituir a exposição feita, de viva voz, pelo mestre. Urge, por isso, ao nosso ver, que espelhem límpida e incisivamente o ponto versado ou discutido em aula. Devem, nesse sentido, abranger todos os aspectos, tôdas as principais facetas da matéria dissertada, de sorte que, em os lendo, o aluno possa facilmente reviver e fixar a lição ouvida. São as *súmulas*. Assim lhes chamamos, quando os queremos nomear.

Seu papel, ou sua importância, não tem sido encarado uniformemente por todos os que delas se têm ocupado. Há os que nelas vêem um esplêndido recurso à disposição do aluno que, desse modo, sem as canseiras e dificuldades de inúmeras consultas a livros e obras, tem, no mais das vezes, ao seu alcance uma concatenação segura e equilibrada desse ou daquele tópico do programa.

Existem, porém, em contraposição, os que enxergam nas *súmulas* um ressurgimento da revelhíssima *sebenta*. Mas, perguntamos, será procedente o reparo feito? Existirá, de fato, o símile apontado? Não o cremos. Nem na origem nem em suas finalidades, a *súmula* pode ser, com exatidão, equiparada à *sebenta*. O paralelo, por isso, não nos parece preciso; e, para que melhor ressalte a diferença que existe entre uma e outra, bastará examinar o papel que a *sebenta* desempenhou na histórica Universidade de Coimbra. Ouçamos, portanto, nesse sentido, a Trindade Coelho, que, em seu conhecido livro *In illo tempore*, presta o seu depoimento:

*"In illo tempore* — no tempo em que eu andava em Coimbra, ainda a boa e imortal *sebenta* reinava em todo o seu esplendor! Eu nem fazia sequer idéia, ao chegar a Coimbra, do que vinha a ser isso da *sebenta*; — mas indústriado logo a tal respeito, vim a saber que era uma espécie de folhinha litografada, formato 8.º, que saía todos os dias compendiando a explicação do lente; que se chamava *sebenteiro* o que a redigia; que custava sete tostões por mês cada uma; que eram três em cada ano, visto as cadeiras em cada ano serem três; e finalmente, que enquanto o lente explicava a lição para o dia seguinte, só o *sebenteiro* ouvia o lente, e que os mais, todos, e eu, portanto, podiam muito bem lêr o seu romance, fazer o seu bilhetinho e passá-lo, ou comentar os que vinham dos outros, — ou então, se o preferíssimos, dormir ou fazer versos!

"As sebatas tinham em geral oito páginas, e cada um ia pelas suas ao cair da noite, e eram duas por noite; — mas se o lente se tinha alargado na preleção, ou o sebenteiro era maçador, às tais oito páginas acresciam outras, — e a êsse suplemento, que era sempre amaldiçoado, chamava-se o *resto!*

"Ora mas no meu tempo ainda a sebenta era acatada, e ninguém se lembrava por lá de lhe fazer troça! E como ela, coitada, tinha sido a mamadeira dos *ursos*, e até de muitos o ganha-pão, os ursos, quando se viam lentes, não só a toleravam, mas... inspiravam-na! Havia tal que não confiando no sebenteiro, até lhe dava os apontamentos para a fazer; outros escreviam-na *ipsis verbis* e o sebenteiro tinha só o trabalho de a copiar; e outros havia, e até dos mais *carrasquinhos*, que recebiam à entrada da aula um exemplar, que o sebenteiro lhes entregava em mão! O Chaves, por exemplo!

"Está pois a ver-se que a sebenta era uma instituição universitária; — mas ainda assim, coisa curiosa, cheirava sempre a *contrabando*; e tudo quanto de mais difícil podia desafiar na aula a habilidade dum cábula, se era chamado à lição, cifrava-se em *manejar a sebenta* com habilidade, de modo que o lente a não visse... Êle bem sabia que estava lá; mas enfim, era preciso esconder essa impostura com outra impostura, — e isso era um trabalhinho de prestidigitação, em que se alguns eram eminentes, outros, coitados, eram uma lástima!" (Págs. 189, 190, 191 e 192, da 2.<sup>a</sup> ed., Livraria Aillaud & Cia.).

Assinala, ainda, êsse escritor, em certos passos de suas reminiscências acadêmicas, outros aspectos dessa singular criação, que foi a sebenta, pelos quais se pode ter uma idéia clara e precisa do que ela representou no currículo dos estudantes daquêle famoso centro universitário conimbricense. Lembra, a respeito, alguns episódios, como, por exemplo, o ocorrido com "um estudante muito notável", de nome Barbosa de Magalhães, que, havendo chegado a Coimbra sem meios para se manter, viu na feitura das sebatas um processo honesto de obter os recursos de que tanto carecia. Por isso,

"começou a fazê-las impressas, porque as litografias estavam já tomadas e êle precisava disso para viver, e fôra para Coimbra sem outros meios, o lente proibiu-o à porta da aula de continuar: no dia seguinte descompô-lo desabridamente diante do curso; e tendo o Barbosa de Magalhães recorrido para o Reitor, e êste para o Conselho da faculdade — o Conselho da Faculdade decidiu, por unanimidade, proibir a sebenta impressa! Êles lá sabiam..." (Op. cit., pág. 195).

Recorda, igualmente, que a maioria dos alunos assinava a sebenta. Não obstante, alguns havia

que por lá apareciam com o velho exemplar que o pai usara, muitos anos atrás, quando estudante, e que êles se punham a manejar com bons resultados, pois,

"como a ciência era sempre a mesma, (porque é da natureza dos dogmas serem imutáveis, e a sebenta era uma dogma da Universidade e livrasse-se alguém de a discutir!) uma coleção velha servia às mil maravilhas, e sebenteiro havia, finório, que fingia só tomar apontamentos, e depois, em casa, impingia como ciência nova uma sebenta velha, — e nem o próprio lente, imutável também como se fôra outro dogma, percebia a maróscala!" (Op. cit. págs. 194).

Temos, aí, pois, o testemunho de alguém que viveu no próprio *habitat* da sebenta e dela fez uso cotidiano. Em suas palavras nada vemos que nos autorize a aceitar como verdadeiro o símile que dizem haver entre a sebenta e as súmulas. Ao contrário, há, entre essas e aquela, sensíveis diferenças e traços inconfundíveis.

Não é nosso propósito, porém, destacar essas diferenças e êsses traços, mas indigitar os diversos tipos de súmulas e os vários critérios que podem presidir à sua elaboração.

No entender de alguns professôres, elas, de nenhum modo, devem conter exposição muito desenvolvida do ponto dissertado em aula, pois, do contrário, estimulariam o aluno a faltar, pois, comodamente, em casa, poderia lêr explanada a mesma lição a que, com o aumento de cansaço de um dia do trabalho, teria de assistir. Para tais professôres, as súmulas devem ter a feição de um roteiro, onde se inscreverão apenas os marcos principais, já anteriormente desdobrados de viva voz. Por exemplo, uma aula sobre o casamento, teria por súmula o seguinte:

#### PONTO N.º 9

##### Do casamento

"1 — O *hetairismo* (promiscuidade sagrada); o *concubinato*; a *poliandria* ("que predominava onde faltavam mulheres"); a *poliginia* ("onde escasseavam varões"); *monogamia* (sistema adotado "por um grande número de povos, principalmente pelos descendentes da raça indo-européia", Batista de Melo, in *Direito de Bastardia*). *Exogamia* (união entre pessoas de tribus diferentes). *Endogamia* ("proibição do casamento entre indivíduos que não pertencessem ao mesmo grupo", Martinho Garcez Filho, in *Direito de Família*).

"2 — O casamento no direito positivo brasileiro. O casamento religioso católico, que predominou no período colonial e no Império. O casamento religioso acatólico,

segundo a lei de 11 de setembro de 1861. O casamento civil instituído pelo Decreto n.º 181, de 24 de janeiro de 1890, e confirmado por outro ato do Governo Provisório de 26 de junho do mesmo ano. Na Constituição de 1891 (laicidade do casamento). No Código Civil. Na Constituição de 16 de julho de 1934: a validade do casamento religioso e a indissolubilidade do casamento elevada a cânone constitucional. Na Carta Constitucional de 10 de novembro de 1937. Na Constituição de setembro de 1946.

“3 — Os impedimentos dirimentes absolutos, ou públicos; os impedimentos dirimentes relativos, ou privados; e impedimentos proibitivos, ou impeditivos. O Decreto-lei n.º 3.200, de 19 de abril de 1941, e o casamento de colaterais do terceiro grau. O casamento de diplomata e as restrições impostas pelo Decreto n.º 23.806, de 26 de janeiro de 1934 e legislação posterior (Decretos-leis ns. 791 e 9.202, respectivamente de 14 de outubro de 1938 e 26 de abril de 1946). O casamento de militares e os impedimentos previstos nos Decretos-leis ns. 3.864, de 24 de novembro de 1941, e 6.289, de 23 de fevereiro de 1944. Casamento putativo. Casamento nuncupativo. Casamentos nulos e casamentos anuláveis.

4 — Efeitos do casamento que dizem respeito às pessoas e os que concernem aos bens dos cônjuges.

Tal tipo de súmula, se serve de bússola para o aluno se orientar no estudo do ponto, tem, ao nosso ver, a grande desvantagem de não oferecer os elementos necessários para tornar efetivo tal estudo, principalmente se o interessado não dispuser do tempo necessário para consultas metódicas e produtivas em biblioteca, própria ou pública.

E' verdade que, às vezes, súmulas desse tipo são elaboradas com tal arte, ou tal engenho, que facilitam extremamente o trabalho do aluno. E' o caso da seguinte, concernente ao Curso de Biblioteconomia III e Formação de Bibliotecários IV:

#### PONTO N.º 17

##### FUNÇÕES TÉCNICAS DE BIBLIOTECAS

Prof. J. M.

#### 1) Funções técnicas:

- a) Funções de administração
- b) Funções de aquisição
- c) Funções de integração
- d) Funções de circulação.

#### 2) Funções da administração:

- a) Administração de pessoal
- b) Administração de material
- c) Orçamento.

#### 3 Funções de Aquisição:

- a) Compra
- b) Doação
- c) Permuta.

#### 4) Técnica da aquisição:

- a) Processos de aquisição
- b) Conhecimento do mercado do livro
- c) Conhecimento técnico do livro
- d) Auxiliares do conhecimento do livro:
  - 1) informação sobre o autor
  - 2) comentário do livro
  - 3) análise direta do livro
  - 4) os *Booklists*.

#### 5) Funções de integração:

- a) Registro
- b) Catalogação
- c) Classificação
- d) Distribuição do livro.

#### 6) Funções de circulação:

- a) Empréstimo do livro na Biblioteca
- b) Empréstimo do livro a domicílio.

#### 7) Problemas do empréstimo do livro:

- a) As condições do empréstimo em relação ao leitor
- b) As condições do empréstimo em relação ao livro.

#### 8) Análise das funções técnicas e sua importância:

- a) na seleção do pessoal
- b) na distribuição do pessoal
- c) na remuneração do pessoal.

#### 9) Articulação das funções técnicas (função da administração):

- a) Análise das funções e sua importância na constituição de:
  - 1) Departamentos
  - 2) Divisões
  - 3) Secções
  - 4) Serviços.

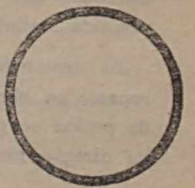
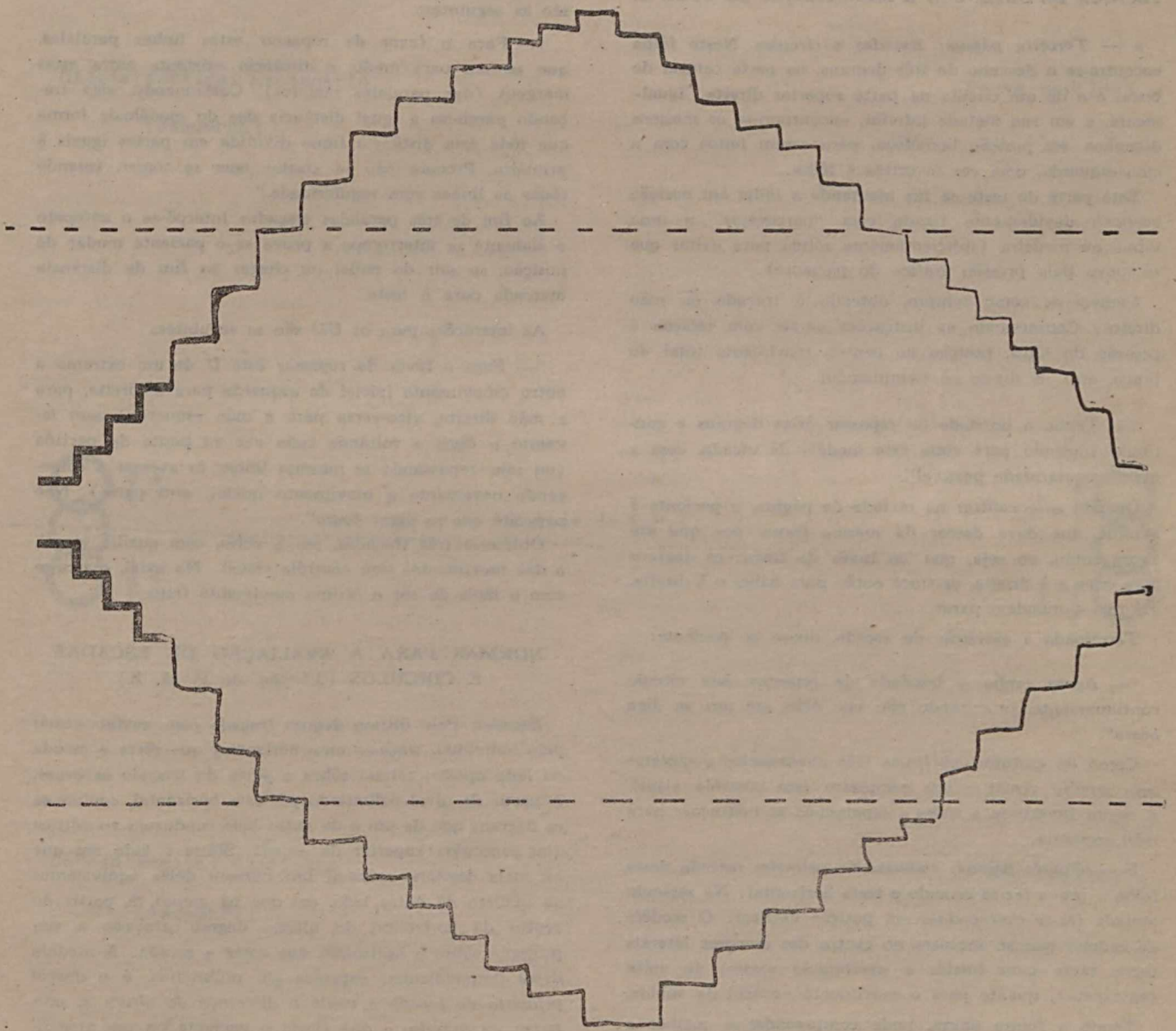
- b) As funções de direção
- c) Estrutura organizacional da biblioteca

#### 10) Distribuição das funções técnicas de biblioteca, em face da legislação brasileira:

- a) Atribuições de bibliotecário
- b) Atribuições de bibliotecário-auxiliar”.

Não resta dúvida que a exposição esquemática adotada acima facilita, sobremaneira, a retenção de certos aspectos do ponto, mas não dispensa, absolutamente, a consulta a fontes bibliográficas

Figura nº 3



nem sempre ao alcance do aluno. Entendemos, por isso, aconselhável o tipo de súmula em que o professor explique suficientemente o assunto. Estão nesse caso as seguintes, relativas ao Curso de Orientação, Seleção e Readaptação Profissional, realizado pelo professor Mira y Lopez:

#### "AULA N.º 27

#### TÉCNICA DE OBTENÇÃO E MENSURAÇÃO DO P. M. K.

a — *Terceira página: Escadas e círculos.* Nesta fôlha encontra-se o desenho de três degraus, na parte central do teste, e o de um círculo na parte superior direita. Igualmente, e em sua metade inferior, encontram-se os mesmos desenhos, em posição homóloga, para serem feitos com a mão esquerda, uma vez invertida a fôlha.

Este parte do teste se faz mantendo a fôlha em posição vertical, devidamente fixada com "percevejos" a uma tábua ou madeira (suficientemente sólida para evitar que se mova pela pressão gráfica do paciente).

Começa-se, como sempre, obtendo o traçado da mão direita. Conservando as instruções gerais com relação à pressão do lápis, posição no centro, movimento total do braço, etc.. E diz-se ao examinando:

"— Tenha a bondade de repassar êstes degraus e continuar traçando para cima êste modelo de escada, com a maior regularidade possível".

Quando se encontrar na metade da página, o paciente é avisado que deve descer da mesma forma por que até agora subiu, ou seja, que, ao invés de traçar os degraus para cima e à direita, os trace então para baixo e à direita, até que o mandem parar.

Terminada a execução da escada, diz-se ao paciente:

"— Agora tenha a bondade de repassar êste círculo continuamente, procurando não sair dêle, até que se diga basta".

Como de costume, obtêm-se três movimentos completos com auxílio visual e dez completos sem controle visual. A seguir inverte-se a fôlha e repetem-se as instruções para mão esquerda.

b — *Quarta página: cadeias.* Na primeira metade desta fôlha a prova faz-se estando o teste horizontal. Na segunda metade faz-se mantendo-o em posição vertical. O modelo de cadeias que se encontra no centro das margens laterais serve tanto para iniciar o movimento sagital de volta (egocípeta), quanto para o movimento vertical de subida.

Tendo a figura anexa, pode compreender-se melhor a ordem de seriação das experiências. Geralmente se faz um intervalo de sete dias entre a obtenção das cadeias sagitais (com a qual termina a primeira metade do P. M. K) e a obtenção das cadeias verticais (com a qual se inicia a segunda metade do teste).

As instruções consistem em pedir ao paciente que repasse os elos-modelo, levantando cada vez o lápis antes de passar ao seguinte, e que continue o traçado da cadeia, na direção marcada, pelo modo mais regular, ou perfeito

possível. Também se introduz o anteparo depois que o paciente houver traçado três elos com auxílio visual.

Na quinta página estão os modelos para realizar as paralelas egocípugas (sagitais) de ambas as mãos e os UU verticais. Na página 6 estão os modelos para realizar as paralelas egocípugas (também sagitais) e os UU, de ambas as mãos, sagitais. Obtêm-se os traçados por esta ordem: paralela egocípuga direita; paralela egocípuga esquerda, U vertical direito, U vertical esquerdo, paralela egocípeta direita, paralela egocípeta esquerda, U sagital direito, U sagital esquerdo. As instruções para as paralelas são as seguintes:

"— Faça o favor de repassar estas linhas paralelas, que servem para medir a distância existente entre estas margens (das paralelas maiores). Continuando, siga traçando paralelas a igual distância das do modelo, de forma que toda esta distância fique dividida em partes iguais à primeira. Procure não se afastar nem se torcer, fazendo tôdas as linhas com regularidade."

Ao fim de três paralelas traçadas interpõe-se o anteparo e somente se interrompe a prova se o paciente mudar de posição, se sair do papel ou chegar ao fim da distância marcada para o teste.

As instruções para os UU são as seguintes:

"— Faça o favor de repassar êste U de um extremo a outro (movimento inicial da esquerda para a direita, para a mão direita, vice-versa para a mão esquerda) sem levantar o lápis e voltando cada vez ao ponto de partida (ou seja, repassando as mesmas linhas às avessas e começando novamente o movimento inicial, sem parar). Não pare até que se diga: basta".

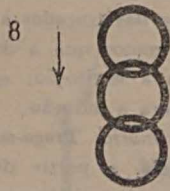
Obtêm-se três traçados, ida e volta, com auxílio visual, e dez movimentos sem controle visual. No axial, marca-se com o lápis de côr o último movimento feito.

#### NORMAS PARA A AVALIAÇÃO DE ESCADAS E CÍRCULOS (3.ª pág. do P. M. K)

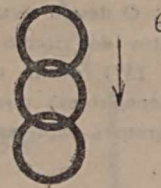
*Escadas.* Pelo último degrau traçado com auxílio visual pelo indivíduo, traça-se uma horizontal que corta a escada no lado oposto, caindo sobre a parte do traçado às cegas. A partir do nível delimitado por esta horizontal, contam-se os degraus que de um e de outro lado conduzem ao vértice (ou pináculo) superior da escada. Sobre o lado em que há mais degraus, conta-se um número dêles equivalentes ao número do outro lado, em que há menos. A partir do centro da horizontal do último degrau, traça-se a sua projeção sobre a horizontal que corta a escada. A medida dessa perpendicular, expressa em milímetros, é o desvio primário da escada e mede a diferença de altura e, portanto, de impulso a que chega o paciente na sua modalidade dupla de movimento, de subida e descida. O sinal desta distância será positivo quando houver menos degraus de subida (que indica uma boa tensão psicomotriz: o indivíduo sobe aos saltos). O sinal desta distância será negativo quando houver menos degraus de descida (o indivíduo cai ou se precipita ao mover-se no sentido da gravidade).

*Círculos.* Momentaneamente só se toma o desvio primário, isso é, a distância que separa o centro do último círculo traçado às cegas (o 13º) e sua projeção sobre o

Figura nº 4



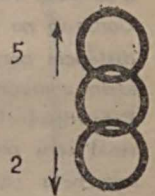
Cadeia vertical ascendente  
(esquerda)



Prova vertical

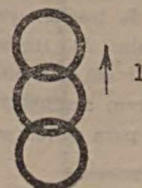
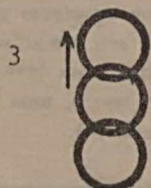


Motade do P.M.K.



Cadeia sagital egocípeta  
(esquerda)

Prova sagital



diâmetro vertical do modelo (se o desvio secundário é grande) e o centro deste modelo. O sinal será positivo quando o último círculo estiver mais elevado que o modelo, e negativo no caso contrário. O desvio secundário (distância horizontal entre o centro do círculo modelo e do último traçado, ou seja o 13º) avalia o deslocamento involuntário (pulsões subconscientes) que, pôsto em relação com os D S dos lineogramas, expressa a emotividade geral do paciente.

#### AVALIAÇÃO DAS CADEIAS (4.º PÁG. DO P. M. K.)

As quatro inferiores são *sagittais*. As quatro superiores são *verticais*. Devem ser avaliadas separadamente, por pares de movimentos:

a sagital egocífuga direita e a vertical ascendente direita  
a sagital egocípeta direita e a vertical descendente direita  
a sagital egocífuga esquerda e a vertical ascendente esquerda  
a sagital egocípeta esquerda e a vertical ascendente esquerda

Para cada uma destas, traça-se uma linha horizontal a partir do elo que o indivíduo traçou, inicialmente, sem vêr. Prolonga-se esta linha até tocar a cadeira traçada pela mesma mão e no mesmo plano, de volta. Assim fica limitada uma faixa como nos zigzagues, na qual os movimentos recíprocos feitos pela mão no plano foram cegos. Contam-se, então, os elos compreendidos nessa faixa e se toma o lado em que há menos como base comparativa. Conta-se no outro um número igual de elos e mede-se a distância perpendicular que separa o meio do último elo, assim contado, da horizontal para a qual se dirige a cadeia. Esta distância mede o valor do desvio primário e seu sinal será positivo nas sagittais, se fôr medido na cadeia egocípeta (que se dirige para o corpo do paciente) e negativo se fôr medido na egocífuga. Tratando-se de cadeias verticais, o sinal será positivo quando a distância medida se encontrar sobre a cadeia descendente; e será elos se acham de tal forma imbricados que seja impossível negativo, se se encontrar sobre a ascendente. Quando os contá-los, ou noutro sentido, ao longo da faixa, procurar-se-á comparar uma parte da mesma, por pequena que seja, e a diferença obtida, multiplicar-se-á proporcionalmente para induzir, de modo aproximado, qual teria sido o desvio primário obtido se se houvesse podido contar a totalidade. As cifras do desvio primário devem ser expressas em milímetros, sem decimais, e se inscreverão entre as duas cadeias que foram comparadas, ou no lado marginal do papel, se isso fôr impossível, por se encontrarem muito juntas.

#### AVALIAÇÃO DAS PARALELAS E DOS UU (5.ª E 6.ª PÁGINAS DO P. M. K.)

As duas últimas páginas do teste miocinético contêm quatro provas, a saber: UU de traçado vertical; paralelas de traçado egocífugo; paralelas de traçado egocípeta e UU de traçado sagital. Os UU são avaliados isoladamente, mas as paralelas, além de serem avaliadas separadamente, devem relacionar-se entre si para obter seus desvios pri-

mários. Como sejam estas as medidas mais complicadas, por elas começaremos a descrição.

Para a obtenção do tamanho linear das paralelas, mede-se a 10 a. linha das traçadas à cega pelo paciente. Se a sua longitude é maior que a do modelo e extensão do braço e propensão para a excitação; e, se é menor, indica que há propensão para a indução.

*Desvio primário.* Traça-se em cada página, uma linha dupla paralela, a partir da terceira paralela feita pelo paciente (isso é, a última com auxílio visual) e a 10 cm de distância dela. Deste modo, limita-se uma faixa de tal largura e, no seu interior, contam-se as linhas traçadas pelo examinando. Sobre o lado em houver maior número, conta-se número igual ao lado em que houver menor; e, finalmente, mede-se a distância perpendicular existente entre a última linha assim concluída a extremidade da faixa. Esta distância indica a diferença de tensão existente entre os movimentos de flexão e extensão do braço e constitui o desvio primário, cujo sinal será positivo se predominar a tensão (e, portanto, tem menos linhas a faixa egocífuga, ou seja a primeira) e, vice-versa, será negativa se houver menos linhas na faixa egocípeta, (ou seja a segunda). Naturalmente, devem comparar-se independentemente as faixas de cada mão para obter os valores do seu D. P.

*Desvio axial.* Assinala-se o meio da primeira linha dentro da faixa: levanta-se, por este ponto, uma perpendicular; toma-se o centro da última linha dentro da faixa; unem-se os dois centros e mede-se o ângulo formado, obtendo-se, assim, o desvio axial.

*Torcedura axial.* Nos casos em que se produz a torcedura axial, esta se expressa pelo valor do ângulo formado pelas linhas traçadas pelo paciente e prolongamento das linhas-modelo.

*Avaliação dos UU.* Nos UU verticais mede-se o D. P. tomando a distância vertical que separa os centros da horizontal do U modelo e do último traçado pelo paciente (como sempre há um desvio secundário, tal distância se mede prolongando qualquer uma das linhas até o nível de qualquer um dos referidos pontos). Dá-se como valor positivo do D.P. todo desvio por cima da linha-modelo; e os desvios por baixo da mesma (depressão) têm sinal negativo.

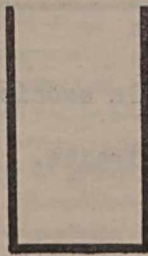
O desvio secundário (D.S.) é a distância horizontal entre estes pontos. Seu valor, como é sabido, indica o grau de emotividade existente no momento da prova.

Quanto aos UU sagittais, sua avaliação conforma-se às mesmas normas que as verticais, dando-se sinal positivo aos desvios para diante (para fora), ou egocífugas, e negativo aos desvios para trás (para dentro), ou egocípetas.

Tanto uns quanto outros UU podem apresentar, além disso, uma torcedura axial, cujo valor será dado pelo ângulo das horizontais traçadas pelo indivíduo e a horizontal-modelo. Sob este aspecto, cabe notar que muitos indivíduos torcem o movimento ascendente, ou egocífugo, mas corrigem seu desvio no egocípeta pelo que, em definitivo, não se pode dar ao seu traço um significado patológico, ainda quando indique uma leve diminuição do tono psicomotor compensador, isso é, uma certa *astenia conativa* (falta de firmeza no avanço).

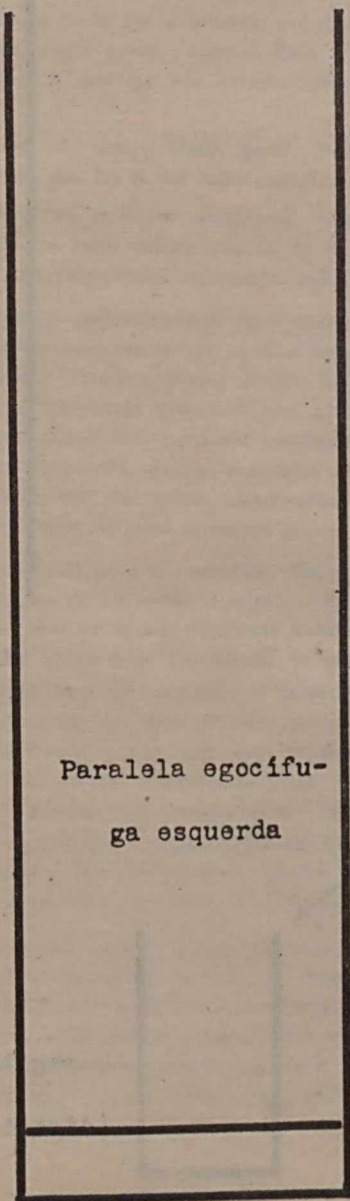
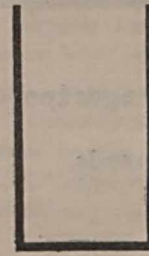
Figura nº 5

U vertical  
(Esquerda)



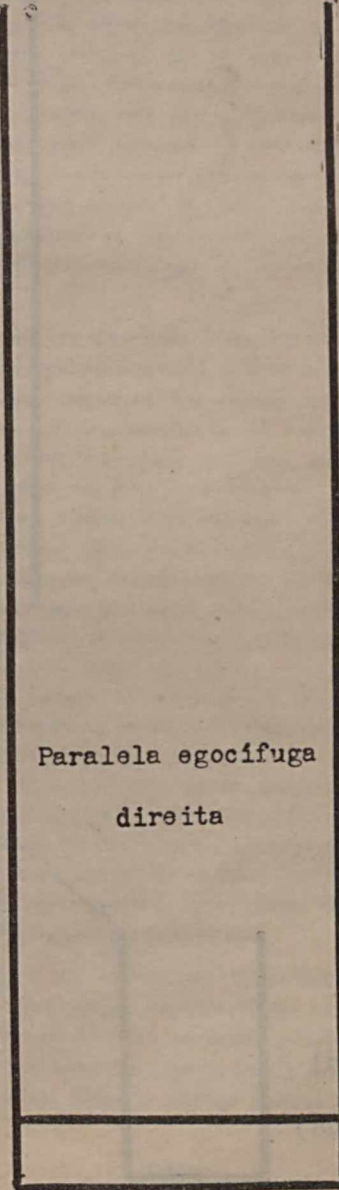
Mantenha a fôlha na posição vertical

U vertical  
(Direita.)



Paralela egocífuga  
esquerda

Mantenha a fôlha na  
posição horizontal

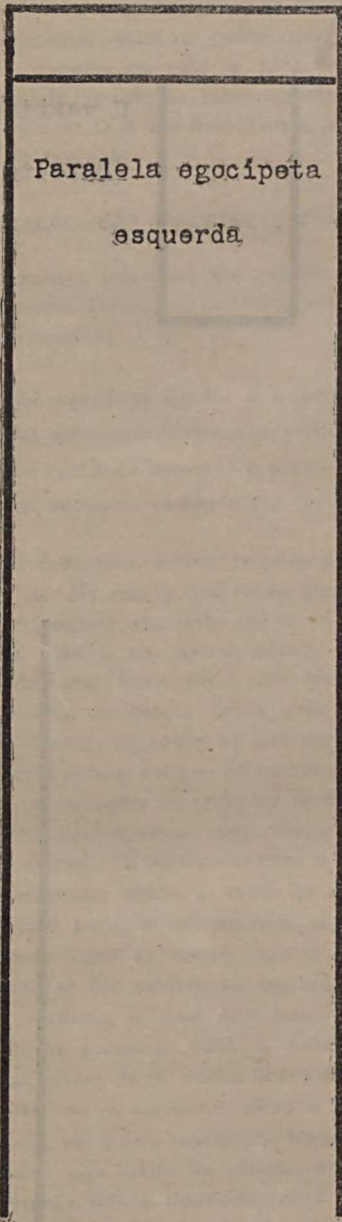


Paralela egocífuga  
direita

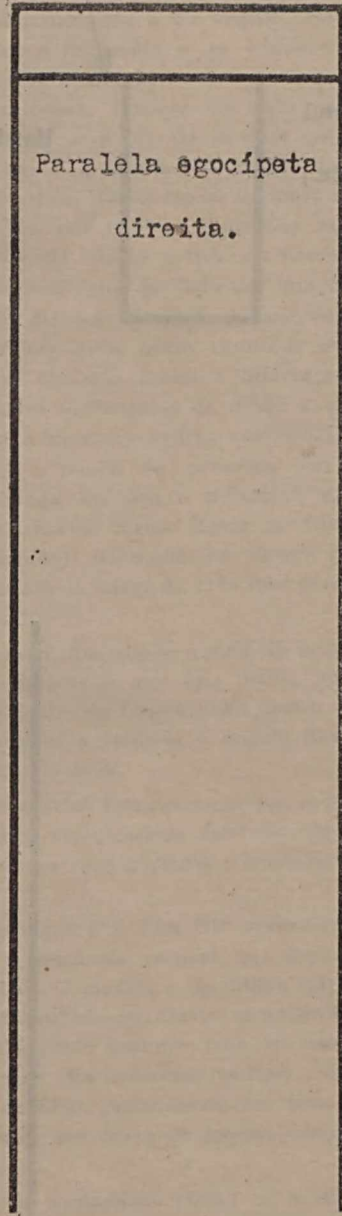
A frecha indica o ponto de aplicação



Figura nº 6

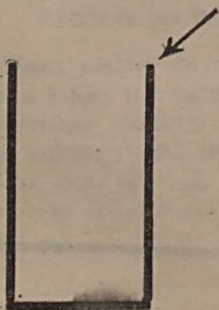


Paralela egocipeta  
esquerda

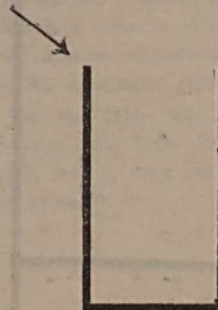


Paralela egocipeta  
direita.

U sagital  
(esquerda)



U sagital  
(direita)



Mantenha a folha na posição

A frecha indica o ponto de aplicação

Leitura recomendada: A indicada nas súmulas anteriores.

### "AULA 28.<sup>a</sup>

#### APLICAÇÕES PSICOTÉCNICAS DO P. M. K. INTERPRETAÇÃO GERAL DE SEUS DADOS

Uma vez obtido o P. M. K. e dados os pontos, como interpretá-lo? Evidentemente, o processo de adaptação das tabulações obtidas com esta prova em outros países não está sequer iniciado no ambiente brasileiro. E, sem conhecer os valores médios, os índices de variabilidade e de constância nos diversos grupos de idade, assim como sem possuir as escalas correspondentes T, torna-se muito arriscado dar uma interpretação sistemática à prova. Não obstante, procedendo de modo aproximado e baseando-se, provisoriamente, em seus dados qualificativos e na impressão geral de conjunto, já nos é possível obter resultados satisfatórios. Por isto, apresentam-se as normas gerais de interpretação que provaram a eficácia nos outros países em que já foi ensaiado.

#### INDICAÇÕES SOBRE A PERSONALIDADE INDIVIDUAL QUE SE PODEM OBTER COM O P. M. K.

a) *Grau de coerência intrapsíquica.* Este será tanto maior quanto maior for a simetria e a correlação dos resultados homônimos, obtidos com as duas mãos do indivíduo. A coerência é mínima nos estados psicóticos e psicopáticos.

b) *Grau de emotividade geral.* Vem expresso pelo valor médio dos D. S. da mão esquerda.

c) *Grau de controle emocional.* Vem expresso pela diminuição do valor médio dos D. S. na mão dominante, ou mais controlada conscientemente pelo indivíduo.

d) *Grau de estabilidade de tono neuropsíquico.* E' tanto maior quanto menores forem as diferenças extremas entre os dados nas diversas partes do P. M. K.. Assim, por exemplo, se o paciente propende para uma constante redução do tamanho linear, para um constante desvio negativo da vertical esquerda, etc. o seu tono neuropsíquico será mais estável que se forem observadas variações destes dados homólogos de uma a outras partes do teste.

e) *Propensão para a ansiedade.* Expressa-se no P.M.K. pelo fenômeno descrito com o adjetivo de *heating* (aquecimento), e consiste numa tendência constante ao aumento do tamanho linear e da velocidade de execução dos movimentos no decorrer de cada série cinética. Como se compreende, é máxima nas denominadas psicoses de ansiedade onde atinge valores tais que, com frequência, o tamanho do papel se torna insuficiente para poder registrar a amplitude enorme dos movimentos. Explica-se por um fenômeno de *indução* (os potenciais de ação, que se encontram retidos, desencadeiam-se através da primeira via motriz que cede sua resistência sináptica).

f) *Propensão para a perda do impulso (abulia).* Expressa-se pelo fenômeno inverso de diminuição constante do tamanho linear e retardamento dos movimentos. E' máxima nos síndromas acinéticos, tais como a catatonia. As pessoas que exibem este traço no P. M. K. caracterizam-se porque "nunca acabam o que começam".

g) *Predomínio da introtensão* (ou seja, o predomínio da retenção dos impulsos e da maior elaboração das reações diferidas, com aumento da tensão do ego). Expressa-se em função dos desvios negativos nos lineogramas horizontais (D. P.) e nos desvios axiais centrais, no zig-zague, nas cadeias e nas paralelas. Se este tipo de desvio for mais acentuado na mão esquerda (exceto nos canhotos) indicará a existência de um fator temperamental.

h) *Predomínio da agressividade, ou impulso do domínio.* Expressa-se em função do valor dos desvios positivos nos lineogramas *sagittais*, no zig-zague, nas cadeias *sagittais*, nas paralelas e nos *UU sagittais*. Quando o tamanho linear é maior nos movimentos do plano *sagittal* que nos restantes, mas se encontram equilibradas as tensões extensoras e flexoras (de modo que o paciente faz ângulos de zig-zague muito abertos tanto na direção *egocífuga*, como na *egocípeta*), deve deduzir-se que há um predomínio ambivalente das tendências sádico-masoquistas e, portanto, que o paciente tanto propende para descarregar suas tendências possessivas e destrutoras contra os demais como contra si mesmo. Dito em termos extremos: está igualmente distante do assassinio e do suicídio. Quando o desvio positivo de extensão é escasso nos lineogramas, mas, em troca, se observa agrupamento no zig-zague e na cadeia *egocípeta*, de modo que a mão obstinadamente não se aproxima do corpo do paciente, deduz-se que há uma tendência a não se deixar penetrar por influências estranhas, uma mistura de egoísmo e covardia, que faz o paciente pouco dominador, mas sumamente obstinado e resistente a toda intenção exterior que vulnere ou afete seu ego. Este indivíduo propende para tomar atitudes de resistência passiva diante de qualquer mudança, ou sugestão, que não lhe seja agradável, mas, dificilmente, reage de modo explícito em contrário.

i) *Predomínio da depressão* (falta de tono neuromuscular, falta de carga psicomotriz). Avalia-se em função do valor dos desvios negativos nas provas verticais (lineogramas, escada, círculo, cadeias e *UU* verticais). Se a depressão é muito manifesta na mão esquerda, deve inferir-se que existe um fator constitucional. Se é somente apreciada na mão direita, deve supor-se que é reativa, e, portanto, passageira. Nas quatro quintas partes dos casos há depressão bilateral, mesmo quando variem os valores relativos dos desvios. Em geral, exceto nos casos patológicos, o fator depressivo-constitucional pode ser compensado conscientemente pelo indivíduo, graças a um melhor aproveitamento das pausas de descanso. E há economia de todo gasto desnecessário de energia muscular; por isso tais pessoas são refratárias, por exemplo, aos desportos, ao excursionismo, à dança, etc., ainda quando possam ser boas produtoras de trabalho mental, ou mesmo de trabalhos manuais delicados. Naturalmente, a existência de um fator depressivo manifesto em ambas as mãos contra-indica todos os trabalhos de tipo reacional, quer dizer, que requeiram um grande gasto de energia psicomotriz.

j) *Predomínio da extratensão* (personalidade aberta, mimética, sintônica, social, dependente do meio exterior). Avalia-se em função do valor do desvio positivo dos lineogramas horizontais, abertura (desvio axial) dos zig-zagues, cadeias e paralelas. Quando alcança valores exagerados e